



Oliver Goldsmith

Introdução de Renata Campello Teitelroit¹

A literatura europeia do século XVIII reverberava a concepção de mundo iluminista: uma abordagem racional e científica para as questões sociais, políticas, econômicas e religiosas, que promoveu uma visão secular da realidade e uma sensação coletiva de progresso e rigor. Os pensadores do Iluminismo procuraram um modo de agir de acordo com princípios universalmente válidos de regência da humanidade e da natureza, atacando autoridades espirituais e científicas, a censura, o dogmatismo e os refreamentos econômicos e sociais. Neste momento, entretanto, pareciam surgir um racionalismo e um ceticismo extremos que, mais tarde, acabariam por provocar uma reação – representada pelo movimento do Romantismo, já despontando no horizonte da literatura Inglesa na figura de William Blake e firmado por William Wordsworth e Samuel Coleridge. A sátira, por sua vez, predominava no começo do século, com respaldo, principalmente, na poesia de John Dryden e de Alexander Pope e na prosa de Jonathan Swift. As décadas de 1720 e 1730 correspondem à literatura inglesa Augustina, termo cunhado pelos próprios escritores da época. Consonante com a preferência de Jorge (Augusto) I pelo nome, que lhe creditava magnificência, acreditava-se que estes eram os anos de transição de uma literatura áspera e simples para uma literatura politizada e sofisticada, remetendo, possivelmente, ao início e apogeu do Império Romano. Ao longo do século, críticos utilizaram-se do termo para fazer

¹ Graduanda da Licenciatura em Inglês do Instituto de Letras da UFRGS. Bolsista de Iniciação Científica.

referência ao período entre os anos de 1689 a 1750, que, posteriormente, passou a ser conhecido como A Idade Augustina. A literatura de então é notoriamente política e a par dos ditames da crítica literária. O desenvolvimento econômico da Inglaterra, da Escócia e da Irlanda, bem como a inquietação da Revolução Industrial e a redução de obstáculos à educação, contribuíram para uma era de entusiasmo, exuberância, inventividade e transgressão. Até o romance, que era popular e mal visto, ganhou lugar após uma longa tradição de teatro e poesia.

Com a segunda metade do século XVIII surgem grandes autores irlandeses e, entre eles, Oliver Goldsmith. Fontes divergem quanto à sua data de nascimento – ora apontando o dia 10 de novembro do ano de 1729, ora do ano de 1730. Dissentem, ainda, no tocante à localidade de seu nascimento: não se sabe ao certo se Goldsmith nasceu em Pallas, aos arredores de Ballymahon, Condado de Longford, Irlanda, onde seu pai era um modesto vigário protestante, ou no lar de seus avós, Smith Hill House, Condado de Roscommon, Irlanda. Sabe-se, ao certo, que Goldsmith era anglo-irlandês e que frequentou o Trinity College em Dublin. Por desde cedo se destacar pela inteligência, sua família insistiu em torná-lo, ao menos, um aluno serviçal da escola, para que pudesse ter acesso aos estudos. Contudo, negligente, Goldsmith revelou-se o último aluno de sua classe e o pior dos alunos serviçais: uma verdadeira decepção. Além disso, sua participação em um levante, juntamente com outros alunos de graduação, resultou na sua expulsão da instituição em 1747. Então perambulou a pé por alguns países da Europa, como a França, a Suíça e a Itália, buscando hospitalidade de casa em casa. Na qualidade de jogral, poderia ter vivido indefinidamente: Goldsmith era admirado como espirituoso por boêmios e nobres, distraindo e encantando a muitos. Entregou-se ao acaso, aos prazeres e principalmente ao jogo.

Mais tarde, cansado do ofício de bufão e com a ajuda de um tio abastado, ingressou na faculdade de medicina da Universidade de Edimburgo, após tentar a teologia e ensaiar a advocacia. Sem destaque e constantemente endividado, Goldsmith mergulhou em adversidades financeiras e problemas de saúde. Ainda assim, teve ensejo de escrever o poema O Viajante (*The Traveller*), que o faria famoso. Estabeleceu-se em Londres no ano de 1756 e lá, além de lecionar flauta, Goldsmith foi de assistente farmacêutico a porteiro de um colégio, nunca permanecendo muito tempo em um mesmo emprego.

Até que, oportunamente, vendo na literatura uma solução, tornou-se colaborador de editores londrinos. Escreveu as Cartas Chinesas (*Lettres Chinoises*), inspirado pelas Cartas Persas (*Lettres Persanes*) de Charles Montesquieu, e a História da Inglaterra (*History of England*), uma série de cartas de um nobre a seu filho. Produziu intensamente, mesclando o velho e o novo. Publicou obras históricas de leitura apazível, como o aclamado romance O Vigário de Wakefield (*The Vicar of Wakefield*) em 1766 e o comovente poema A Aldeia Deserta (*The Deserted Village*) em 1770. Foi dramaturgo, escrevendo as peças Ela se Curva

para Conquistar (*She Stoops to Conquer*) em 1772 e O Murmurador (*The Grumbler*) em 1773, além de prosista, crítico e ensaísta. Suas obras mais aprimoradas renderam-lhe a proximidade de Samuel Johnson, escritor e pensador inglês. Johnson fundou um clube literário do qual Goldsmith participou ao lado de Edward Gibbon, Edmund Burke e Joshua Reynolds. Em virtude da combinação de suas obras e seu estilo de vida imoderada, Horace Walpole atribuiu-lhe a alcunha de “o inspirado idiota”. Impetuoso, desorganizado, ingênuo, brilhante, sedutor e sobretudo admirável, Oliver Goldsmith morreu aos 44 anos de idade no dia 4 de abril de 1774, deixando uma dívida de £ 2.000. No entanto, não morreu na prisão (apesar da pressão dos credores): alguns de seus inúmeros amigos sempre acabavam por ampará-lo. Goldsmith foi enterrado em Temple Church, Londres. Em sua homenagem há um monumento no centro de Ballymahon e outro na Abadia de Westminster, com um epitáfio escrito por Johnson.

Porém façamos agora uma breve apreciação do ensaio *The Characteristics of Greatness*, disponibilizado a seguir. Já de início, o ensaio sugere aventura e faz alusão a viagens. Nele, a latente inquietação do autor parece refletir as transições literárias do fim do século XVIII, que se voltavam em direção à emoção e à liberdade imaginativa. Duas palavras bem o descrevem: atual e inspirador. Afinal, o espírito audacioso a que Goldsmith se refere não é traço de seu tempo e nem do nosso. Perguntemo-nos: uma postura tão somente cientificista não refreia a essência primordial do pensamento filosófico? Será que a imposição de seguir modelos restritos não incorre no perigo do contentamento com a mediocridade? Conservar, superar ou superar-se?

Ao almejar o sublime, mesmo que vaidosamente, e por mais que nunca o alcancemos, ao longo do processo há de se obter proveitos, tanto para nós próprios quanto para a ciência. Para mais, neste ensaio, Oliver Goldsmith relembra a importância enriquecedora do desvio e suas implicações. Recomendando-o, por fim, a todas as mentes inquisitivas que vislumbram, através da ciência ou da arte, algo de grande para si e para o mundo.

Referências:

FILHO, Candido Jucá. Breve Notícia Sobre Oliver Goldsmith e Sua Obra Literária. In: Prefácio a O Vigário de Wakefield. Coleção Sabedoria e Pensamento e Universidade de Bolso; Ediouro e Tecnoprint S.A.. (c. 1971)